Parte 1 – Facebook potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença

Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI

Jamile Santinello
Andrea Versuti

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTINELLO, J., and VERSUTI, A. Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 185-197. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Facebook

Conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI

Jamile Santinello

Andrea Versuti

Introdução

O presente capítulo, intitulado *Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI* objetiva refletir sobre as questões que envolvem os conceitos sobre as redes sociais, bem como sua importância na comunicabilidade e convergência das mídias em suas usabilidades.

Especificamente, serão relatados as contribuições do acesso ao Facebook, sendo este *site* de rede social caracterizado como um dos meios mais utilizados para a disseminação de informações, que vão desde o entretenimento à comunicação possa ocorrer síncrona e assincronicamente.

Os estudos nortearam-se por meio de estudos bibliográficos e também foi necessário um recorte temporal de dados referentes às redes sociais e ao Facebook, no sentido estabelecer reflexões de cunho científico sobre o assunto, sendo este um parâmetro essencial

para a construção do conhecimento e considerações contextualizadas sobre a conectividade da rede no século XXI.

Pensamos que diante do relacionamento Facebook e a atualidade do tema, o capítulo possa contribuir na compreensão deste novo e complexo sistema simbólico constituído pelo site de

Redes sociais: reflexões iniciais

As redes sociais, por meio de seus respectivos *sites*, são locais identificados na Internet para que pessoas se expressem. Além disso, “[...] foram definidos por Boyd e Ellison(2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de uma perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (*apud* RECUERO, 2009, p.102). Estes *sites* “[...] seriam uma categoria de grupo de *softwares* sociais com aplicação direta para a comunicação mediada por computador” (*apud* RECUERO, 2009, p.102), apropriados diretamente pelos sujeitos (BLOYD; ELISSON, 2007 *apud* RECUERO, 2009).

Santaella (2013, p. 35) afirma que não se pode “[...] minimizar o papel que as redes digitais hoje desempenham na vida psíquica, social, cultural, política e econômica” do ser humano e dimensionar a amplitude dessas redes e seus alargamentos, ou seja, identificar até onde pode chegar a influência do que é postado nas salas virtuais, nos ambientes colaborativos, e em outras áreas virtuais é tarefa complexa.

Segundo Recuero (2009) os *sites* de redes sociais são espaços virtuais resultantes das apropriações realizadas pelos atores sociais de ferramentas comunicacionais mediadas pelo computador, e os atores sociais que usam esses *sites* são os que constituem as redes. Se assim não fosse, essas vias seriam apenas sistemas. A autora divide os *sites* de redes sociais em duas categorias: os propriamente ditos e os apropriados. Os *sites* de redes sociais propriamente ditos são

os espaços virtuais que se caracterizam por ambientes direcionados para elucidar e divulgar as redes sociais entre os sujeitos da rede. Seus objetivos principais são as exposições públicas das redes, conectadas aos atores. A existência desses *sites* está relacionada à visibilidade dessas redes (RECUERO, 2009). E, como exemplo, a autora menciona o *Orkut*, o *FACEBOOK*, o *Linkedin* como plataformas em que os perfis dos sujeitos e os espaços são utilizados para divulgar informações entre os mesmos e realizar conexões, e afirma que “o surgimento dessas redes é consequência direta desse uso [...]” (RECUERO, 2009 p. 104).

Segundo a pesquisadora, *sites* de redes sociais são espaços virtuais cujas funções iniciais não eram destinadas para divulgar as redes sociais, mas são sistemas utilizados pelos sujeitos com esta finalidade. “É o caso do *Fotolog*, dos *weblogs*, do *Twitter*, etc. Nestes sistemas não “[...] há espaços específicos para perfil e para a publicização das conexões [...] São construídos através de espaços pessoais ou perfis pela apropriação dos atores” (RECUERO, 2009, p. 104). Enfatiza que as redes sociais “[...] possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas” (RECUERO, p. 25). São eles: os atores, as conexões, as interações, as relações e laços sociais e o capital social. Esses elementos conferem legitimidade nas comunicações virtuais por meio do acesso à Internet.

Além disso, essas redes modificam-se em relação ao tempo, pois envolvem características como cooperação, competição e conflito, o que influencia as ações dos sujeitos que se utilizam delas para comunicação, difundindo-se, assim, informações distintas. As redes sociais, não são caracterizadas como “estáticas, paradas e nem independentes do contexto onde estão inseridas. Essas redes são, quase sempre, mutantes e tendem a apresentar comportamentos criativos, inesperados e emergentes” (RECUERO, 2009, p. 91-92). E, em função dos espaços e temporalidades diferenciados e da ausência da comunicação face a face, a percepção do outro é importante, valorizado por suas palavras (DONATH apud RECUERO, 2009).

Wellmann (2002b, p. 2) ressalta que a complexidade entre as redes sociais sempre existiram, mas o desenrolar tecnológico da atualidade permite a reorganização social, pois como uma rede de computadores conecta-se com máquinas, as redes sociais conectam-se com instituições, pessoas e mantêm outras redes sociais (apud RECUERO, 2009). As redes sociais, como afirma Recuero (2009) podem ser classificadas em dois tipos: redes emergentes e redes de filiação ou associação. As redes emergentes surgem pelas conexões dos nós da rede por meio de trocas sociais aferidas pelas interações e pelas comunicações mediadas pelo computador. As redes de filiação ou associação constituem-se por ações de atores sociais juntamente com as observações dos eventos, por eles estabelecidas, o que resultar em conexões de pertencimento.

Para além das redes sociais na Internet e outras ações no ciberespaço, é necessária a comunicação visual da conexão, estabelecida pelas interfaces gráficas. As interfaces gráficas foram desenvolvidas para atender as dinâmicas da comunicação em rede, inseridas para que o sujeito tenha uma relação amigável, para que a interação homem-máquina ocorresse de maneira prática e objetiva, sem muitas interpretações por parte dos indivíduos, resultando em uma navegação rápida e dinâmica.

De fato, as novas interfaces, *softwares* que dão forma à interação entre sujeitos e computador, constituem-se outras maneiras de compreensão de mundo, e fazem com que ocorram novas apropriações de produção do conhecimento. Para Jonhson (2011), a interface atua como uma espécie de tradutor, uma mediadora entre as duas partes, tornando uma sensível à outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação *semântica*, caracterizada por significado e expressão, não por força física (JONHSON, 2011, p. 17). E em cada época os usos de interface são adotados conforme as representações mentais de coisas antigas e familiares. “O próprio termo *computador* deriva de raízes *lowtech*: computadores eram os calculadores humanos nos tempos que precederam o código digital, trabalhadores especializados no uso da régua de

cálculo e na ultrapassada divisão de grandes números” (JONHSON, 2011, p. 19, grifos no original).

Johnson (2011) relata que dois grupos caracterizam o pensamento crítico atual sobre os usos do computador: os neoluditas e os tecnoutópicos. O primeiro grupo acredita que o computador é contra a inteligência, e o segundo enfatiza que é necessário renunciar aos limites rígidos da mídia tradicional. “Ambos os lados estão vendendo uma revolução só não estão de acordo em ver nela uma boa coisa” (JONHSON, 2011, p.12).

No entanto, está cada vez mais complicado visualizar mentalmente toda a complexidade das redes globais de informação, visto que as representações das informações exigem outra linguagem ou até mesmo roupagem visual, tanto complexa quanto significativa. Elas necessitam de pessoas (*Designer*) que elabora projetos de interface intercambiável e comunicável, além de serem amigáveis para o sujeito (JONHSON, 2011). As mudanças sociais provocadas pelos usos do computador e da Internet são difíceis de mensurar “[...] a medida que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão uma com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2006, p.15).

Observa-se que as análises e conceituações do ciberespaço são várias, e que o espaço virtual não pode ser compreendido apenas como um dispositivo tecnológico-comunicacional com transmissões e recepções de informações passivas. Assume-se, nesse trabalho, como propõe Alava (2002), que o ciberespaço é compreendido como um ambiente concebido e estruturado de modo a ser, antes de tudo, um espaço social de comunicação e de trabalho em grupo. “Portanto, o saber já não é mais o produto pré-construído e ‘mediaticamente’ difundido, mas o resultado de um trabalho de construção individual ou coletivo a partir de informações ou de situações midiaticamente concebidas para oferecer ao indivíduo oportunidades de mediação” (ALAVA, 2002, p. 14).

A interatividade, a comunicação digital, as diferentes formas de comunidades que surgem na Internet, as integrações das mídias interativas, as construções de identidades na sociedade em rede e a legitimação das relações entre indivíduos na virtualidade são questões que permeiam a cibercultura e proporcionam reflexões significativas no campo educacional associadas aos processos comunicacionais.

Como propõe Silva (2008), estar *online* não significa estar incluído na cibercultura. Internet na escola não garante uma inserção crítica das novas gerações e dos professores na cibercultura. Nesse sentido, há que se considerar que os docentes, em sua maioria, ainda ministram suas aulas lineares, passivas e individuais, como um profissional que produz e transmite o conhecimento. No entanto, afirma o autor, que os professores podem experimentar, juntamente com seus alunos, a navegação e exploração do espaço virtual. Mas o uso da Internet na escola pode não ocasionar o estímulo a uma aprendizagem significativa, fazendo com que os hipertextos e a interatividade próprios da mídia *online* aconteçam (*idem*). “Assim, mesmo com a Internet na escola, a educação pode continuar a ser o que ela sempre foi: distribuição de conteúdos empacotados para assimilação e repetição” (SILVA, 2008, p. 67).

Por mais que se esteja envolvido e incluído numa cultura digital, os excluídos não podem ser desconsiderados. Propostas de aprendizagem viáveis para a aplicabilidade em uma sociedade conectada, em constante transformação, demandam identificar possíveis resultados de usos e apropriações das tecnologias da informação e comunicação para construção de conhecimentos.

Facebook: *síte* de rede social

O Facebook é uma rede social alicerçada em princípios, tais como: liberdade de compartilhar e conectar, fluxo livre de informações, igualdade e liberdade entre os sujeitos (FACEBOOK, 2012). No Brasil, o seu crescimento ocorreu a partir de 2009. Atualmente,

há no mundo cerca de 1,23 bilhão¹ de usuários no mundo, e no Brasil cerca de 61,2 milhões de pessoas que utilizam a plataforma.

O FACEBOOK, de acordo com o *site* social-networkingwatch, é com folga a maior rede social do mundo ultrapassando um bilhão de sujeitos. Nos últimos 6 meses, com a adesão de 16,6 milhões de novos sujeitos brasileiros, ultrapassou o orkut totalizando a estimativa atual de 50 milhões (79% dos jovens que usam a internet). Estes passam em média 7,5 horas por mês conectados a rede social na maior parte do tempo vendo vídeos e *sites* de humor conforme o *site* comScore.mail. (JULIANI et al, 2012, p. 3).

Há alguns termos e políticas virtuais para que a rede social seja utilizada. São eles: declarações de direitos e responsabilidades (condições de usos para o sujeito), política de uso de dados (como o sujeito recebe e utiliza as informações) e padrões da comunidade (o que é permitido ao sujeito fazer, bem como denúncias de mau uso da rede) (FACEBOOK, 2012).

Em 2011, a média de amigos por usuário era de 135 pessoas, e cada usuário ficava conectado aproximadamente 750 minutos por mês (FACEBOOK, 2012). Entre os países que usam a rede, o que possui mais sujeitos são os Estados Unidos, seguido pelo Reino Unido e o Brasil, em terceiro lugar no ranking. Foram compartilhados na rede social 80 milhões de *web links*, fotos, mensagens, e outros recursos disponíveis no *site*.

O *site InsideTechno* (2012) levantou alguns dados impressionantes sobre o FACEBOOK: 590 milhões de pessoas visitam o *site* por

1 Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>>. Acesso em 23 abr 2014.

mês, gerando 940 bilhões de visualizações de páginas e cada sujeito acessa em média 1500 páginas por mês ou 50 por dia, nesta rede social. Em todo o mundo, 38,5% dos sujeitos da Internet utilizam a rede para algum serviço (INSIDETECHNO, 2012). De acordo com um estudo da *eMarketer* (PLACEBOOK, 2012), 42,3% da população global usa a rede por mês.

A partir de 2004 a rede se espalhou de maneira significativa e está disponível em mais de 70 idiomas, com mais de 500 milhões de sujeitos em todo o mundo. No Brasil, aproximadamente 5 milhões e 300 mil sujeitos utilizam o FACEBOOK, isto é, 3% da população nacional (PLACEBOOK, 2012, tradução nossa).

No Brasil, o acesso à rede social é de 11,6% de sujeitos com idade menor que 18 anos, 28,2% entre 18 e 25 anos, 32,1% entre 26 e 35 anos, 23,5% entre 36 e 55 anos e 4,5% maiores que 55 anos (PLACEBOOK, 2012, tradução nossa) (ver figura 1).

A imagem mostra a interface da página de login e criação de conta do Facebook. No topo, há o logotipo "facebook" e campos para "E-mail ou telefone" e "Senha", com um botão "Entrar". Abaixo do logotipo, há um texto: "No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida." À esquerda, há uma ilustração de uma rede social com ícones de pessoas conectadas. À direita, há a seção "Abra uma conta" com o texto "É gratuito e sempre será." e campos para "Nome", "Sobrenome", "Seu e-mail", "Insira o e-mail novamente", "Nova senha", "Data de nascimento" (com campos para Dia, Mês e Ano) e "Por que preciso informar minha data de nascimento?". Há também opções de gênero: "Feminino" e "Masculino". No rodapé, há um pequeno texto: "Ao clicar em 'Abrir uma conta', você concorda com nossos Termos e que você leu nossa Política de uso de dados, incluindo nossa lista de parceiros."

Fonte: Disponível em: <https://www.FACEBOOK.com/>

Os reflexos dos usos e das apropriações do FACEBOOK estão sendo pesquisados em instituições de ensino, tanto nacionais quanto internacionais, haja vista que apenas por uma busca na internet pela palavra-chave “a utilização do FACEBOOK”, perfaz 53 mil ocorrências. As possibilidades de utilização da ferramenta

virtual faz com que o sujeito tenha acesso a muitos espaços que até então não acessavam.

Lorenzo (apud JULIANI et al, 2012, p. 1) afirma que em seu livro intitulado *A utilização das Redes Sociais na Educação*, que os “*sítes de redes sociais no Brasil são os que mais tem aumentado seu número de visitação na Web, passando até os serviços de e-mail*”.

Além de estar aumentando o acesso substancialmente, a rede social em questão pode ser utilizada como recurso pedagógico, “principalmente na promoção da colaboração no processo educativo, e ainda, permite a construção crítica e reflexiva de informação e conhecimento” (FERNANDES, 2011 apud JULIANI et al, 2012, p. 3)

O planejamento para a utilização das redes sociais como suporte a educação exige compreender a estrutura e cultura organizacional da instituição de ensino visando adequá-la aos aspectos técnicos das ferramentas existentes para fins educacionais, além de questões de privacidade, ética e políticas de apoio da direção que devem ser contempladas. (JULIANI et al, 2012, p. 3).

A promoção da utilização de ferramentas disponíveis no ambiente possibilita entre os sujeitos maior interação e até mesmo interatividade. Para tanto, abaixo, no quadro 1, estão elucidados os recursos mais utilizados no sentido de evidenciar seus usos.

Quadro 1 - Ferramentas do FACEBOOK que podem ser usadas como apoio ao ensino.

Ferramentas	Como usar?
Chat	Tirar dúvidas em tempo real. Professor e Professor, Aluno e Professor, Secretaria e Aluno, Comunidade juntamente com alunos, professores e secretária.
Fotos e Vídeos	Divulgar os trabalhos e atividades realizadas. Por exemplo, um vídeo de uma palestra ocorrida no campus, ou fotos de um estudo de campo. É importante buscar a melhor qualidade da imagem a serem publicadas.
Compartilhamentos	Difundir informações e conhecimentos relevantes para os usuários do Facebook que não participam diretamente dos grupos criados (unidades curriculares/disciplinas)
Eventos	Divulgar e receber a confirmação da participação em reuniões, viagens, palestras, entre outros.
Comentários/Mensagem	Lembrar as provas, trabalhos e resolver duvidas individuais. Criar um ambiente de interação/debate sobre determinadas temáticas.
Enquetes	Coletar a opinião a dos alunos ou demais atores a respeito de um determinado assunto.
Conteúdo	Criação de novas páginas dentro de um grupo. Podem ser colocados assuntos diversos que ficam armazenados por tempo indefinido. Exemplos: Notas de exames, resumos de aula, planos de ensino.
Marcação de imagens, vídeos e comentários	Sempre que possível marcar todos os envolvidos no conteúdo exposto para explicitar e estimular participante.
Debates	Quando o professor divulgar algum material é possível divulgar também um espaço para debate do assunto, orientando os alunos a deixar apenas um comentário, e depois debater sobre o assunto com seus colegas e professores para uma melhor fixação do conteúdo.

Fonte: (JULIANI *et al* , 2012, p.6).

Considerações finais

Sendo assim, pensamos nas potencialidades do uso do Facebook para construir o conhecimento em espaços de aprendizagem, sobretudo quando pautados pela colaboração. Quando os sujeitos podem, através das ferramentas disponíveis, interagir de forma substantiva e assim modificar suas percepções acerca de determinado tema, há algo novo a ser investido. Uma das estratégias é a criação de grupos fechados com os alunos de determinada disciplina.

Os espaços educacionais tradicionais muitas vezes encontram-se metodologicamente afastados das reais aspirações da geração atual. Esta motivação constatada em usar a rede pode sim ser direcionada

para um uso contextualizado e que tenha como foco a aprendizagem significativa de conteúdos, inclusive os curriculares.

As ferramentas de comunicação podem ser utilizadas pelo docente visando promover o debate (síncrono ou assíncrono) a partir de questões polêmicas, vídeos, fotos e mensurar o envolvimento dos estudantes nos grupos através do conteúdo das postagens e do número de visualizações (recurso disponível para postagens em grupo). Mais importante do que a visualização é investigar as possibilidades de construção colaborativa de argumentos, a partir de discursos convergentes e divergentes que se alternam nestes momentos de interação.

Ainda há muito neste sentido a ser explorado pelos docentes. A primeira barreira a ser rompida é a resistência em utilizar o ambiente como forma de prolongar a experiência da sala de aula para além do período determinado pelas aulas. A criação de grupos das disciplinas pode, neste sentido, integrar mais os alunos e fazer com que a troca de informações pós-aula seja sistematizada em um local em que todos já se encontram; a rede Facebook. Se assim for feito, para além do entretenimento, os alunos poderão também discutir neste espaço questões do conteúdo trazidas pelo docente e com sua orientação/mediação.

E o docente, por sua vez, poderá acompanhar este processo e fazer parte dele de maneira ativa e colaborativa.

E por fim, pensamos que esta configuração do processo de ensino-aprendizagem, caracterizado como; dialógico, investigativo e dinâmico, pode trazer muitos avanços para as atuais metodologias educacionais, mas para tanto, é fundamental investir na formação docente para estes usos do ciberespaço.

Referências

ALAVA, S. (col.) **Ciberespaço e formações abertas**: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: ArtMed, 2002.

FACEBOOK. **Princípios**. Disponível em: <<http://www.FACEBOOK.com/principles.php> e <http://www.FACEBOOK.com/FACEBOOK>>. Acesso em: abr. 2012.

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSIDETECHNO. **FACEBOOK**: o monstro das redes sociais e também das estatísticas. Disponível em: <<http://www.inside-techno.com/2011/02/24/FACEBOOK-o-monstro-das-redes-sociais-e-tambem-das-estatisticas/>>. Acesso em: abr. 2012

JOHNSON, S.. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PLACEBOOK. **Dados estatísticos do FACEBOOK**. Disponível em: <<http://www.geographics.cz/socialMap/index.php>> Acesso em: abr. 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L.. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, A. (org). **A Internet em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

JULIANI, D. P *et al.* Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do FACEBOOK em uma instituição de ensino superior. **Renote**. Cinted-UFRGS, v.10, n. n.3, dezembro,

2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/36434/23529>>. Acesso em: 1 mar. 2014.

SISTEMA CFA/CRA's. **Guia básico para utilização de Redes Sociais**. Dez/2012. Disponível em: <http://www.cfa.org.br/servicos/publicacoes/guia_redes_sociais_final.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2014.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença.
SILVA, T. T. da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 8.ed. Petrópolis:Vozes, 2008.